A VISITAÇÃO, FONTE DE INSPIRAÇÃO DO PLANO DIOCESANO DE PASTORAL

«Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39) é o tema proposto pelo Papa Francisco para a JMJ Lisboa 2023. É nele que se inspira esta proposta de plano Pastoral para a Diocese do Porto, para o ano 2021-2022, integrado num percurso que se estenderá até às portas do Ano Santo de 2025.

A viver ainda a situação de pandemia e com grande incerteza quanto às consequências desta experiência na configuração da vida eclesial, queremos acreditar numa possibilidade de controlo da saúde pública, que se configure para todos nós, enquanto Igreja, como um desafio a que, como Maria, nos levantemos e nos ponhamos a caminho.

Na sequência do anúncio do Anjo Gabriel, Maria confia na Palavra escutada e parte para as montanhas da Judeia, ao encontro de Isabel. Num momento em que, para nós, seria natural que cuidasse da sua gravidez na segurança de sua casa (preparando o enxoval… ) ou se escondesse assustada com a crise que sobre ela se abateu, a jovem, movida pelo Amor que a habita, peregrina, confiante, ao encontro da palavra que completa o anúncio angélico.

O encontro com a idosa, grávida de um tempo inequívoco, confirmará, sem palavras, a sua própria fecundidade, ao confirmar as palavras de Gabriel.

Torna-se claro que Maria não caminha sozinha: leva consigo o evangelho vivo, em seu filho, que será recebido com santa alegria. Maria é, pois, a primeira missionária cristã, levando em si mesma o antigo e o novo, a promessa e a realização. Carrega a leveza de um filho recém-concebido e a gravidade da expectativa da humanidade. Encontrará Isabel pesada do filho precursor e levar-lhe-á alegria da chegada do filho anunciado. Carrega no seu ventre o Amor e leva nos seus passos a caridade fraterna que O manifesta.

O último ano tem sido muito difícil de viver, pesado de incerteza, interrompendo alguns percursos, impedindo o início doutros, despedaçando hábitos. Um tempo primeiramente disruptivo, que nada deixa intacto. Mas, com maior ou menor intensidade, é sempre assim a história da vida humana. É sempre sobre as ruínas das ilusões humanas que Deus semeia a esperança; é sempre sobre a ruína do pecado que a vida se recria. Muito bem o vemos quando surge o novo, onde parece que nada se sustenta. A par da tomada de consciência o valor insubstituível de algumas formas, que nem são rotinas gastas nem conquistas garantidas, surgem novas formas de presença, de celebração, de ser Igreja e de levar Cristo.

É neste contexto que ressoa a provocação do Papa Francisco aos jovens e que assumimos como dirigida a todos. Parecerá que a JMJ é apenas coisa dos jovens, mormente dos estrangeiros. Quem assim pensar, bem se engana. Na Igreja, nada é “apenas” de alguém, tudo pertence à comunhão do Corpo de Cristo. O mundo que vai saindo da pandemia para entrar na crise subsequente, necessita de testemunhas credíveis da esperança. Levantar-se e pôr-se a caminho, eis o repto para a igreja diocesana. Uma pastoral da juventude decorre da pastoral da infância, revê-se nos testemunhos da vida adulta, familiar e consagrada, e deixa-se sonhar no cuidado pelos idosos, às portas da vida. Assim se encontram, em torno da mesma alegria, a juventude de Maria e a velhice de Isabel. Quando os jovens se reunirem em Lisboa, todos viveremos a alegria de acolher a Igreja, convocada pelo Papa e reunida em Cristo.

É grande a tentação de cada um ficar em casa a cuidar de si (lambendo as feridas…), mas recordemos Maria, que se deixa encher com o peso da Graça, e recordemos a nossa iniciação cristã que nos abre as fontes da Graça. Também nós, chamados a ser discípulos, somos agraciados por Deus com os dons do Espírito, nos sacramentos de iniciação. Deixemos que o que Deus em nós iniciou dê os frutos maduros do Espírito, conscientes de que o peso libertador do dom de Deus exige a corresponsabilidade generosa de vidas comprometidas.

Recordemos Maria, que deixa o enxoval de parte e parte a traçar o caminho de Jesus, e vamos nós também na missão da caridade fraterna. Levar o Amor vivo, com sinais de um Amor em ação, caminhando para as margens da vida, onde a esperança deve chegar, é missão para todos.

 Impelidos a um (re)início, levamos a tradição de que somos herdeiros, mas sabemos que precisamos (re)inovar para renovar. Inspirados pelo “sim” de Maria à obra de Deus, acrescentemos o nosso “sim”, lembrando, ainda, que, ao mesmo tempo que Maria caminha para Judeia, também José diz sim ao sonho de Deus.

Pe. Joaquim Santos | COD